MULHER BONITA E SARADA TEM DESEJO SEXUAL GARANTIDO?

Adriane Branco¹³ ; Vânia Macedo Bressani¹⁴

DO BEAUTIFUL AND ATHLETIC WOMEN HAVE GUARANTEED SEXUAL DESIRES?

Resumo: Esse é um trabalho preliminar de pesquisa correlacional descritiva cujo objetivo é o de explicitar de que forma o fator estético influencia no desejo sexual das mulheres. Para falarmos de desejo sexual e padrões de beleza, partimos do contexto histórico e analisamos como estes dois temas se correlacionam até a atualidade, destacando o papel sócio-cultural da mulher e recuperando conceitos como o de modelo de beleza e desejo sexual. O advento da pílula, trouxe a liberdade profissional e sexual da mulher dando a ela uma imagem corporal que resulta na combinação completa de atitudes, sentimentos e valores. No ocidente, a busca por um corpo desejável, guarda uma relação direta com a evolução das vestimentas influenciando esse padrão estético. Esse estudo trouxe a percepção de que estar dentro das perspectivas do modelo de beleza, não garante a mulher estar apta a expressar sua sexualidade livremente ou sentir desejo espontâneo.
Palavras-chave: Vestuário; beleza; desejo.

Abstract: This is a preliminary correlational descriptive research study whose objective is to clearly expound how the aesthetic factor influences the sexual desire of women. To approach the issue of sexual desire and beauty standards we started from the historical context and analyzed how both topics have been correlated until the present day, emphasizing the sociocultural role of women and recovering concepts like the beauty model and sexual desire. The advent of oral contraceptives brought professional and sexual freedom to women, giving them a body image that results from a combination of attitudes, feelings, and values. In the Western world, seeking to obtain a desirable body keeps a direct relationship with the evolution of clothing, with an impact on that aesthetic standard. This study has brought a perception that fitting the expected beauty model does not guarantee that women will be able to freely express their sexuality or spontaneously feel desire.
Keywords: Clothing; beauty; desire.

Mulher bonita e sarada tem desejo sexual garantido?

Para falar de desejo sexual e padrões de beleza, devemos nos situar a partir do contexto histórico e analisar como estes dois temas se correlacionaram até a atualidade. No ocidente, o comportamento de busca por um corpo desejável, guardam uma relação direta com a evolução das vestimentas. Aquele que não se adequar ao padrão estabelecido na coleção da moda, não lhe é recomendado usar. (GOLDEMBEG & RAMOS, 2002 p. 28)

A “moda” teve seu início aproximadamente na década de 1820, na França, onde se iniciou a produção em grande escala, de vestimentas, sob os padrões ingleses. Entretanto, foi por volta de

¹³ Psicóloga Clínica, Especialista em Sexualidade Humana pela FMUSP, membro pesquisador do CEPCoS, membro pesquisador do Grupo de Pesquisa Estudos sobre as Sexualidades – GPEES, membro associada da SLAMS e-mail: adriane_branco@hotmail.com

¹⁴ Psicóloga clínica especializada em Psicoterapia Sexual pelo InPaSex, membro pesquisador do CEPCoS, membro pesquisador do Grupo de Pesquisa Estudos sobre as Sexualidades – GPEES, membro associado da SBRASH, membro associado da SLAMS. e-mail: create2000@terra.com.br

1860, época em que o uso de máquinas de costura começou a surgir que o comércio do vestuário se incrementou. (VARGAS, 2008)

Os modelos de vestimentas fizeram com que os indivíduos se observassem, avaliassem as aparências uns dos outros e também atribuísem valores de beleza, morais e sociais. A observação do outro e a auto-observação, propiciou aos indivíduos que se exibissem uns aos outros, despertando curiosidade e desejo.

Inicia-se através da transformação das vestimentas, um regulador da imagem corporal, uma vez que cada vestimenta diferente exigia algumas adequações corporais para usá-la. É possível verificar que o comportamento atual de cuidados com a aparência feminina tem suas raízes na história do desenvolvimento humano e social. Já nossa herança sexual, tem seus alicerces na ideologia cultural.

Até o século XIV o padrão de beleza feminina eram mulheres volumosas. Da guerra de 1870 até 1914, a valorização das curvas e cintura marcada fez com que a mulher permanecesse atada e apertada. O espartilho que a comprimia era peça imprescindível do vestuário da época.

Após a guerra de 1870, a moda perde a orientação; a silhueta parece indecisa. Em seguida a crinolina (uma saia com vários arames costurados, os quais davam à forma desejada à saia superior) foi substituída pela “bunda de Paris”, que dava às mulheres um estranho perfil de ganso. O busto avançou, pendendo para frente, enquanto, por trás, parecia arrastar uma concha de escargot. Na época, os caricaturistas observam os novos volumes que faziam as senhoras parecerem “galináceas”.

A história registra fortes aspectos morais que ditavam as regras do comportamento sexual. As práticas sexuais eram monogâmicas e heretossexuais, cuja finalidade exclusiva era a procriação. As necessidades sexuais das mulheres não eram consideradas, já que eram seres inferiores e subordinadas aos homens. Passavam do domínio do pai para o marido e a virgindade era imprescindível para efetuar essa transição. (CARTER, 2001)

Não se esperava que a mulher após o casamento fosse erótica, mas sim que servisse ao marido sem participar ativamente do próprio sexo, que era associado na maioria das vezes a algo que não seria desejável, como impuro.

Comportamentos sexuais que não fossem tidos como naturais, como o sexo oral, masturbação ou felação (sexo oral para o homem), eram considerados antinaturais e/ou viciosos. (FOUCAULT, 1988)

No final do século XIX, o controle da manifestação sexual era rígido, quer na inibição da masturbação, na caça aos pervertidos, ou na descoberta de métodos que desestimulassem a exacerbação do desejo a prática sexual.

Em meados dos anos 20 os corpos curvilíneos são colocados de lado. Mais movimentada e agitada a vida moderna exigia deslocamentos, as amarras e os enchimentos da indumentária feminina caíram em desuso. Os corpos precisavam se soltar, praticar esportes, corresponder aos novos conceitos de agilidade e velocidade. O padrão corporal deveria se adaptar a estas novas diretrizes da modernidade.

As vestes eram confortáveis e marcavam uma cintura baixa, desenhavam uma silhueta andrógina. A essa liberdade, associava-se uma nova imposição: a da magreza com auxílio de bandagens.

Neste mesmo período, estudiosos e pesquisadores se concentraram em estudar, pesquisar e escrever sobre a sexualidade feminina, mudando os parâmetros. Sigmund Freud (Áustria), Henry Havelock Ellis (Inglaterra), Mangus Hirschfeld (Alemanha) e Alfred Kinsey (EUA), construíram novos parâmetros sobre a sexualidade feminina. Ampliaram os horizontes do comportamento sexual, revendo valores e crenças sobre o mesmo. Reconheceram a existência da sexualidade feminina em paridade com a masculina discutindo os contextos tradicionais como casamento e a família.

Ellis definiu o desejo feminino como passivo e reconheceu a necessidade do courtship (o ato de cortejar e acariciar) para manter a mulher inflamada. Enfatizou a necessidade das preliminares e até mesmo do cunnilingus (sexo oral para mulheres).

De 1928 até 1932 as conferências anuais da Liga Mundial para a Reforma Sexual tentou obter a completa igualdade de direitos para ambos os sexos e a libertação do amor sexual, do objetivo único de procriação. Nos Estados Unidos, Margaret Sanger, defendeu a criação de clínicas para controle de natalidade dizendo: “O corpo da mulher só a ela pertence”.

Mesmo com estes posicionamentos os imperativos da moda seguem impondo seus ditames. Depois de se livrar das amarras, seguir para uma silhueta magra e sem contornos, a moda torna a mudar. No ano de 1947, Christian Dior, estilista renomado até a atualidade, passa a valorizar a figura feminina, atribuindo a suas vestimentas, luxo e elegância. Propondo cinturas finas e seios cônicos. Alterando novamente o comportamento da mulher, agora ela passa a usar outro aparato, o espartilho curto, que lhe conferiu a cintura de vespa e busto delineado.

A contribuição feminina, na primeira guerra mundial, favoreceu o reconhecimento de sua capacidade, mas nem isso auxiliou para que seus direitos sexuais fossem reconhecidos. A mulher seguia sendo preparada para casar e servir ao marido, era o homem quem exercia a liderança em todos os aspectos da vida do casal. Muitas idéias inadequadas para a atualidade, mas coerentes com a época, serviam de roteiro para a sexualidade. Como, o conceito freudiano de orgasmo vaginal. Havia a crença de que o orgasmo clitoriano, caso a mulher o atingisse, poderia prejudicar sua conquista para um orgasmo vaginal. Portanto não era recomendado. (Guiddens, 1992)

Na Europa e nos Estados Unidos, (final da década de 50) inicia-se o Movimento Feminista que se dissemina por todos os continentes, cujo objetivo é inscrever a mulher um novo espaço social, questionando a organização sexual, política, econômica e cultural deste espaço que até então era masculino.

Nos anos 60 surge um novo ideal de corpo, um contorno corporal andrógono e jovem, ligado ao conceito de consumo de massa imposto pelos meios de comunicação da época. Conhecida como geração “baby boom”.

A partir das publicações das revistas femininas, novos padrões de comportamento vão se instituindo. Além dos novos modelos de roupas, surgem os novos modelos de corpos.

Embora exista uma grande atenção para o mercado de consumo feminino, pouco acontece no aspecto da evolução sexual da mulher. Poucos pesquisadores se atem ao fato de estudar a sexualidade feminina. O casal Master e Johnson (1966), descreveu a resposta fisiológica à estimulação erótica em termos de um padrão de quatro fases: excitação, platô, orgasmo e resolução. Sua principal contribuição foi a rejeição da teoria anterior de distinção fisiológica entre o orgasmo vaginal e clitoriano, quando demonstraram que ambos eram fisiologicamente indistinguíveis. Essa descoberta foi tremendamente libertadora para um imenso número de mulheres que se sentiam inadequadas ou imaturas se incapazes de experimentar o orgasmo vaginal durante o intercuro. Nesta mesma época a liberação da sexualidade feminina ganha força e com ela puderam realçar a espontaneidade e a sensualidade, bem como as rejeições autoritárias e machistas..

Em 1969, a revista VOGUE apresenta o corpo feminino nu para suas leitoras, “a pornografia da beleza” invade a imprensa feminina. O corpo “ideal” foi desnudado e colocado em exibição por toda parte, dando as mulheres os detalhes nítidos da perfeição, com os quais ela deveria se comparar, e fez surgir uma nova experiência feminina: o exame ansioso e minucioso do corpo como algo ligado intrinsecamente ao prazer sexual feminino. (WOLF, 1992)

As revistas passam a propagar assuntos relacionados à sexualidade feminina, abordando o tema “prazer sexual”, criando um vínculo entre imagem corporal e prazer. Passando a idéia de que quanto mais perto a mulher estiver do padrão preestabelecido de beleza, melhor será sua satisfação sexual.

Em 1976 Shere Hite publicou O relatório Hite sobre a sexualidade feminina que mostrou com clareza que mulheres estavam assumindo a responsabilidade pessoal de sua satisfação sexual, afastando a percepção radical da mulher como recebedora passiva.

Nos anos 80, ha uma pressão ainda maior sobre as mulheres marcada pela disciplina corporal. Não ha espaço para corpos gordos e preguiçosos. A beleza virou competição. O corpo devia ser perfeito. I want muscles. [Quero músculos], canta Diana Ross, e Jane Fonda tornou-se a sacerdotisa da aeróbica. Seus vídeos de ginástica eram disputados.

A “cultura do corpo”, retroalimentada pelo universo da moda, suscitava todo um arsenal de práticas, técnicas de mercado, atitudes, modelo ideal, isto é, um modelo consensualmente aceito e imposto que ditava um padrão incontestável a ser seguido.

Se na década de 50/60, era da eclosão das musas de Hollywood, de Marilyn Monroe, considerada a mulher mais sexy do século XX, da consagração das louras, da sensualidade das roupas com cavas, fendas e decotes ousados, o “corpo ideal”, manequim 42, possuía a cintura de 72/74 centímetros e quadril 98, na virada de século XXI. O “tipo ideal”, antes atriz hollywoodiana, hoje top model, possui manequim 36, com cintura de 50/60 centímetros e quadril 80.

Essa grande diferença entre ideais de beleza e realidade corporal não poderia deixar de gerar problemas. Distúrbios alimentares relacionados à aparência são cada vez mais comuns, e pesquisas trazem índices alarmantes no que se refere à auto-estima e percepção da imagem das mulheres.

A preocupação das mulheres com a aparência tem raízes profundas que vão além da imagem exterior. É parte fundamental de sua identidade e afeta suas decisões e objetivos, já que a beleza não é só tema pessoal e psicológico, como também social.

É possível perceber um sentimento de preocupação e insatisfação com respeito à aparência, o ódio pelo corpo. Provoca culpa e vergonha pelos defeitos reais ou imaginários. Incentiva a inibição e a inveja, provocando danos a mente e ao corpo. Essas mulheres odeiam seus corpos, mas na realidade desejam amá-los. O amor pelo corpo é uma mescla de emoções, atitudes e ações que nos permitem desfrutar a aparência e as sensações de nosso corpo. Aumenta a confiança em si mesma e intensifica o prazer físico. Exige curiosidade e dedicação.

Para respeitar este corpo a mulher precisa prestar atenção às necessidades físicas: dor, prazer, fome, cansaço. Necessita apreço pelos prazeres estéticos, sensoriais e sexuais. Há grande diferença entre ansiar a beleza alegremente e em aspirar a ela com desespero.

A imagem corporal é a combinação completa de atitudes, sentimentos e valores. Estar satisfeita com a própria imagem é se permitir aos prazeres. É liberar seus instintos para aproveitar tudo que o corpo pode proporcionar, independente de estar perfeito ou não.

Para concluir estas considerações, apresentamos trechos de depoimentos de mulheres, sobressentimentos e percepções acerca de seus corpos, que vão da total insatisfação com sua aparência, até a administração de supostas imperfeições como dados pouco importantes para que usufruam o prazer sexual.

“Não consigo transar com a luz acesa. Ele vai perceber minha barriga e a celulite”.

“Só creio em minha beleza quando um homem me observa a luz do dia e diz que sou bonita”.

“Ele preferiria tocar em seios mais volumosos e nádegas mais firmes.”

“Cinco quilos a menos, me garantiram o dobro do tesão que ele me dá.”

“Como estar satisfeita, se a cada dia descubro um novo ponto de celulite”.

“Não me importo com o que dizem de meu corpo, ele me permite seduzir o homem que quero, pois seduzo com palavras e atitudes”

“Sinto-me amada e desejada e isto me basta”

A incongruência entre o que se sente e o que se vê ou diz é geralmente retratada em comportamentos disfuncionais onde essa insatisfação impede a manifestação das vontades e desejos.

Mulheres que conseguem valorizar suas sensações e prazeres além da opinião sobre sua aparência, transpõem a ponte entre os conceitos e crenças adquiridas e a realidade vivenciada e tiram de seus corpos todo o prazer que desejam ter.

Desejar uma aparência pode ser saudável, desde que não sobreponha outros desejos.

Referências bibliográficas:

AMÉLIO, A. O mapa do amor: tudo o que você e ninguém. Editora Gente: São Paulo, 2001.

BATISTA, N. B. Rugas e pneuzinhos, que mal tem? O discurso da beleza fora dos padrões na publicidade. Disponível em: <http://www.rp-bahia.com.br/biblioteca/inter-nor2007/resumos/R0568-1.pdf> . Acesso em: 27/10/2008 15:04.

BRANDINI, V. Bela de morrer, chic de doer, do corpo fabricado pela moda: O corpo como comunicação, cultura e consumo na moderna urbe. Rev. Contemporânea, vol. 5, no 1 e 2. Dez. 2007. Disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/contemporanea/article/viewPDFInterstitial/4345/4108> . Acesso em: 04/08/2008 14:46.

CARTER, S. O que realmente acontece na cama. Record: Rio de Janeiro, 2001.

COSTA, S. P. V. da C.; GUIDOTO, E. C. G.;
CAMARGO, T. P. P. de C.; UZUNIAN, L. G. U.;
VIEBIG, R. F. V. Distúrbios da imagem corporal e transtornos alimentares em atletas e praticantes de atividade física. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd114/transtornos-alimentares-em-atletas.htm>
Acesso em: 27/10/2008 16:15.

DUNKER, K. L. L.; PHILIPPI, S. T. Hábitos e comportamentos alimentares de adolescentes com sintomas de anorexia nervosa. Rev. Nutr., Campinas, v.16, n.1, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141552732003000100006&lng=&nrm=iso. Acesso em: 04/08/2008 13:37.

ECO, U. Historia da Beleza. Record: Rio de Janeiro, 2004.

FORMIGA, S. O design do corpo como determinante da identidade feminina. Disponível em: <http://www.rizoma.ufsc.br/pdfs/956-of8a-st4.pdf> Acesso em: 03/08/2008 13:49

GAGNON, J. H. Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2006.

GUIDENS, A. A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1993.

GOLDENBERG, M. Nu e Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. De perto ninguém é normal. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LIPOVETSKY, G. O império de efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas, São Paulo: Companhia das letras, 1989.

LOURO, G. L. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autentica, 2001.

MALTZ, W.; BOSS, S. No jardim do desejo: as fantasias sexuais femininas. São Paulo: Mandarin, 1997.

MOTA, A. de C. A influência do fator estético no desejo e no desempenho sexual de mulheres pré-menopausadas. Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <http://www.fundacaounimed.org.br/portal/Monografias/Alexsandra%20de%20Castro%20Mota.pdf> Acesso em: 10/07/2008 15:36

MOTA-RIBEIRO, S. (2003) 'Corpos Visuais – imagens do feminino na publicidade' In: MACEDO, A. G.; GROSSEGESSE, O. (org.) – “Re-presentações do corpo”. Braga: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, 2003. ISBN 972-8063-19-9. p. 115-132. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/5309> Acesso em: 11/08/2008 12:17

NOVAES, J. de V. Ser Mulher, Ser Feia, Ser Excluída. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://66.102.1.104/scholar?hl=pt-BR&lr=&q=cache:5sG7jT9-KHUIJ:www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0237.pdf+SER+MULHER,+SER+FEIA,+SER+EXCLU%C3%8DDA> Acesso em: 04/08/2008 14:59

PIPHER, M. O resgate de Ofélia: salvando a personalidade das adolescentes. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

REIS, M. M. F. Mulher: produto com data de validade. São Paulo: O Nome da Rosa, 2002.

RIBEIRO, S. M. Retratos de Mulher: um estudo das imagens visuais e sociais do feminino.-----
----- Disponível em: <http://66.102.1.104/scholar?hl=pt-BR&lr=&q=cache:bKfzOQiJ61kJ:https://bocc.ufp.pt/pag/mota-ribeiro-silvana-retratos-de-mulher-um-estudo-das-imagens-visuais-e-sociais-do-feminino.pdf>+ Acesso em: 10/07/2008 15:17

VARGAS, C. Corpo e Imagem: Um estudo sobre a construção da identidade feminina através da Fotografia de Moda da revista Vogue francesa dos anos 20 e 30. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_382.pdf Acesso em: 11/08/2008 14:32

WALLACE, I. A cama celestial. São Paulo: Circulo do livro, 1987.

WOLF, N. O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres, Rio de Janeiro: Rocco, 1992.